

## Não é pessimismo, Sarney; é muito pior do que isso.

Há exatamente sete dias, na segunda-feira passada, comentando nesta coluna a crise aberta pelo PFL — mais exatamente pelo senador Marco Maciel — por ter-se sentido lesado na repartição da reserva de mercado de clientela (as nomeações para cargos públicos que são a quase única fonte de poderio eleitoral dos políticos da área governamental), manifestamos a nossa descrença na possibilidade de o presidente Sarney aproveitar a ocasião para implantar, finalmente, neste Brasil da "Nova" República, um novo estilo de governo — algo parecido com aquela mudança de mentalidade de que falava Tancredo Neves nas vésperas da sua posse na Presidência, que nunca chegou a ocorrer.

Se a ira do senador Maciel, e do PFL, em geral, não era a ira dos justos, não acreditávamos também que a irritação do presidente Sarney com o "falecimento" de uma Aliança Democrática que nunca chegou a existir, e sua anunciada disposição de libertar-se uma vez por todas da "baixa politicagem", do "fisiologismo", dos "conchavos políticos" e das "baixas práticas administrativas" — expressões utilizadas por ele, mais tarde, na sua Conversa ao Pé do Rádio da última sexta-feira — tivessem motivos mais nobres do que aqueles que moveram os homens do PFL.

Desde o primeiro momento deste espetáculo deprimente para todos os "brasileiros e brasileiras" que sonham com um Brasil mais democrático, mais justo e mais próspero, estávamos convencidos de que tudo não passaria de mais uma série de conchavos cujo único objetivo era o de garantir para o presidente um mandato de cinco anos com todos os poderes próprios do regime presidencialista.

Nesta segunda-feira, quando se inicia a "semana da decisão" (?), não temos qualquer motivo para mudar de opinião, o que, diga-se de passagem, faríamos com a maior alegria. Reconhecemos que ao tomar conhecimento da declaração que o presidente fez sobre a crise na Conversa ao Pé do Rádio, antes de conhecer o texto integral daquela peça, chegamos quase a nos iludir. Ao lermos o texto integral, no entanto, desvaneceram-se as últimas esperanças.

O Sarney que falava aos "brasileiros e brasileiras" dos magníficos resultados do seu Programa Nacional do Leite, anunciando o amparo que vai receber da Unicef — agência das Nações Unidas que se dedica ao amparo e proteção das crianças de países que não têm condições de proteger e amparar suas crianças —, o Sarney que falava da lei que sancionara criando o Vale-Transporte obrigatório para todos os trabalhadores brasileiros que não ganham o suficiente para pagar a condução que os leva e traz do local de trabalho, o Sarney que, logo em seguida, discorria sobre o mais sensacionalmente prodígio de todos os planos quinquenais jamais imaginados por qualquer país do mundo por mais incrívelmente rico que seja, é o mesmo Sarney de sempre que jamais poderá mudar coisa nenhuma porque jamais será capaz de mudar ele próprio.

Que esperar de um presidente que não tem sensibilidade suficiente para sentir a humilhação que sentimos todos ao ver o Brasil, que não admite "soberanamente" a interferência do FMI, agradecer humildemente a assistência de um organismo da ONU que é um autêntico Exército da Salvação, criado para dar esmolas aos recém-libertados do domínio colonial que não têm condições culturais de criar uma estrutura política e econômica que os livre do grau mais profundo de miséria; que não tem sensibilidade para perceber que o drama, ou a tragédia, dos trabalhadores que não ganham o suficiente para dar leite aos seus filhos ou pagar a condução para o local de trabalho expõe ao mais doloroso ridículo quem se refere à esmola do Vale-Transporte no mesmo contexto em que expõe um programa de investimento de 280 bilhões de dólares em cinco anos, que vai dar alimentação de graça a 60 milhões de brasileiros (e brasileiras), 70 mil quilômetros de estradas novas, 40% a mais de energia etc., etc. e tal?

Depois de tudo isso, que esperar, presidente Sarney, do programa mínimo que o presidente está preparando como base de um novo pacto que o liberte da baixa politicagem?

Por quem sois, presidente! Não precisa exagerar! Com leite de graça para as crianças, transporte de graça para os trabalhadores, 280 bilhões de dólares de investimento em cinco anos e tudo o mais, quem é que neste país iria exigir ainda mais um programa mínimo para lhe dar todo o apoio do mundo durante o tempo que v. exa. desejar continuar fazendo a nossa felicidade?

Por muito menos do que isso, na realidade, nós lhe garantimos que os brasileiros e brasileiras lhe dariam o apoio que deseja para ficar só cinco anos e com regime presidencialista. Bastaria que se libertasse mesmo da "politicagem", da "pressão fisiológica", dos "conchavos políticos e das baixas práticas administrativas". E, ao mesmo tempo, nos desse, a nós, brasileiros e brasileiras, aquilo que andou pedindo aos "fisiológicos" que não lhe dão sossego: liberdade para trabalhar! — e poderia contar conosco! (brasileiras e brasileiros.)

Mas, para que isso acontecesse, seria preciso que o presidente se libertasse, em primeiro lugar, do medo de dar nome aos bois (da politicagem, do fisiologismo, das baixas práticas administrativas). Quando o sorboniano Fernando Henrique Cardoso diz com o maior caradurismo que "o PMDB está pagando um preço muito alto por estar muito atrelado ao governo, e com isso se distancia da opinião pública", falta coragem ao presidente para atirar-lhe no rosto a verdade nua e crua que o ministro do PMDB, Bresser Pereira, expôs com toda sinceridade na reunião do FMI: "Na primeira metade deste ano, o Brasil foi atingido pela mais profunda crise financeira de sua história. O Plano Cruzado trouxe como seqüelas elevadas taxas de inflação, recessão (com desemprego e perdas salariais. N. da R.), insolvência de grande número de firmas, desequilíbrio do balanço de pagamentos" ... etc. etc. e tal.

O responsável por essa imensa desgraça não foi o presidente Sarney, a não ser pelo fato de, ele sim, ter-se atrelado demais ao PMDB. Ou o ministro Funaro, a dona Conceição, o João Sayad e o João Manoel e cia. Ltda. não eram executores da "política econômica" do partido do dr. Ulysses e do senador Fernando Henrique, que hoje tem a coragem de dizer que seu partido não tem nada a ver com isso? Ele pode dizer o que quiser — nós também somos democratas — mas 140 milhões de "brasileiros e brasileiras" hoje se debatem na tortura do arrependimento por terem contribuído para a pior de todas as seqüelas do Plano Cruzado com que essa cambada nos intrujou e que o ministro Bresser Pereira esqueceu de citar: a vitória maciça do PMDB nas eleições de novembro passado. O maior estelionato eleitoral da história deste país! E até agora apenas os pecuaristas que tiveram seus bois roubados pelos prepostos de Funaro, para que os Quêrcia da vida pudessem "virar" a tendência eleitoral e subir aos governos estaduais, começam a ser indenizados pela Justiça. Todos os demais brasileiros e brasileiras esperam ansiosamente que alguém venha ressarcir seus prejuízos.

Do que tem medo o presidente Sarney?

De uma Constituinte eleita dessa forma fraudulenta e que, portanto, não tem a mínima representatividade?

Mas é absolutamente inútil estar aqui a pedir que o sr. José Sarney deixe de ser o sr. José Sarney.

Ele não vai mudar absolutamente nada a não ser um ou outro ministro! E continuará dizendo que quem não está satisfeito é pessimista.

Não é pessimismo, presidente. É muito pior do que isso: a quase totalidade de brasileiros e brasileiras está cada vez mais p... a vida com tudo isso e com todos esses. E isso não pode acabar bem.

JORNAL DA TARDE

5 OUT 1987